

Exame Final Nacional de Português
Prova 639 | Época Especial | Ensino Secundário | 2019

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Leia o texto. Se necessário, consulte a nota.

A multidão não parava de passar. Era o centro do centro da cidade. O homem estava sozinho, sozinho. Rios de gente passavam sem o ver.

Só eu tinha parado, mas inutilmente. O homem não me olhava. Quis fazer alguma coisa, mas não sabia o quê. Era como se a sua solidão estivesse para além de todos os meus gestos, como se ela o envolvesse e o separasse de mim e fosse tarde de mais para qualquer palavra e já nada tivesse remédio. Era como se eu tivesse as mãos atadas. Assim, às vezes, nos sonhos, queremos agir e não podemos.

O homem caminhava muito devagar. Eu estava parada no meio do passeio, contra o sentido da multidão.

10 Sentia a cidade empurrar-me e separar-me do homem. Ninguém o via caminhando lentamente, tão lentamente, com a cabeça erguida e com uma criança nos braços, rente ao muro de pedra fria.

Agora eu penso no que podia ter feito. Era preciso ter decidido depressa. Mas eu tinha a alma e as mãos pesadas de indecisão. Não via bem. Só sabia hesitar e duvidar. Por isso estava ali parada, impotente, no meio do passeio. A cidade empurrava-me e um relógio bateu horas.

Lembrei-me de que tinha alguém à minha espera e que estava atrasada. As pessoas que não viam o homem começavam a ver-me a mim. Era impossível continuar parada.

20 Então, como o nadador que é apanhado numa corrente desiste de lutar e se deixa ir com a água, assim eu deixei de me opor ao movimento da cidade e me deixei levar pela onda de gente para longe do homem.

Mas enquanto seguia no passeio, rodeada de ombros e cabeças, a imagem do homem continuava suspensa nos meus olhos. E nasceu em mim a sensação confusa de que nele havia alguma coisa ou alguém que eu reconhecia.

25 Rapidamente evoquei todos os lugares onde eu tinha vivido. Desenrolei para trás o filme do tempo. As imagens passaram oscilantes, um pouco trémulas e rápidas. Mas não encontrei nada. E tentei reunir e rever todas as memórias de quadros, de livros, de fotografias. Mas a imagem do homem continuava sozinha: a cabeça levantada, que olhava o céu com uma expressão de infinita solidão, de abandono e de pergunta.

30 E do fundo da memória, trazidas pela imagem, muito devagar, uma por uma, inconfundíveis, apareceram as palavras:

– Pai, Pai, por que me abandonaste?¹

Então compreendi por que é que o homem que eu deixara para trás não era um estranho. A sua imagem era exatamente igual à outra imagem que se formara no meu espírito quando eu li:

– Pai, Pai, por que me abandonaste?

Era aquela a posição da cabeça, era aquele o olhar, era aquele o sofrimento, era aquele o abandono, aquela a solidão.

40 Para além da dureza e das traições dos homens, para além da agonia da carne, começa a prova do último suplício: o silêncio de Deus.

E os céus parecem desertos e vazios sobre as cidades escuras.

Sophia de Mello Breyner Andresen, «O Homem», *Contos Exemplares*, Porto, Porto Editora, 2013, pp.132-134.

NOTA

¹ *Pai, Pai, por que me abandonaste?* – referência às palavras proferidas por Jesus Cristo na cruz e citadas no *Evangelho de S. Mateus*.

1. A atitude da narradora perante o homem que caminhava no meio da multidão vai-se alterando.

Compare a atitude da narradora com a atitude da multidão, tendo em conta o conteúdo das linhas 1 a 21.

2. A narradora afirma: «o homem que eu deixara para trás não era um estranho.» (linha 33).

Explique as razões que a levam a pensar que reconhece aquele homem.

3. Ao longo do texto, vai sendo transmitida uma visão negativa da cidade.

Explícite dois dos aspetos que contribuem para essa visão.

PARTE B

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas.

Como quando do mar tempestuoso
o marinheiro, lasso¹ e trabalhado,
d' um naufrágio cruel já salvo a nado,
só ouvir falar nele o faz medroso;

5 e jura que em que² veja bonançoso
o violento mar, e sossegado
não entre nele mais, mas vai, forçado
pelo muito interesse cobiçoso;

10 assi, Senhora, eu, que da tormenta
de vossa vista fujo, por³ salvar-me,
jurando de não mais em outra ver-me;

minh' alma, que de vós nunca se ausenta,
dá-me por preço⁴ ver-vos, faz tornar-me
donde fugi tão perto de perder-me.

Luís de Camões, *Rimas*, edição de A. J. da Costa Pimpão,
Coimbra, Almedina, 1994, p. 138.

NOTAS

¹*lasso* – cansado; fatigado.

²*em que* – ainda que.

³*por* – para.

⁴*dá-me por preço* – impõe-me; dá-me por destino.

4. Explícite a comparação que é desenvolvida ao longo do poema.
5. Interprete a antítese «salvar-me» (verso 10) / «perder-me» (verso 14), no contexto da relação amorosa que o sujeito poético estabelece com a «Senhora».
6. Relativamente ao soneto transcrito, apresente:
 - a) o esquema rimático;
 - b) a classificação das rimas.

PARTE C

7. No universo pessoano, Ricardo Reis é considerado o poeta «clássico».

Escreva uma breve exposição sobre o classicismo na poesia deste heterónimo.

A sua exposição deve respeitar as orientações seguintes:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual refira duas características temáticas que permitam considerar este heterónimo como um poeta «clássico», fundamentando as ideias apresentadas em, pelo menos, um exemplo significativo de cada uma dessas características;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

GRUPO II

Leia o texto.

Portugal – sobretudo Lisboa, mas não só Lisboa – parece, neste momento, cavalgar uma onda alta no setor do turismo. Os estrangeiros estão a «descobrir» que Lisboa é uma bela e atraente cidade e que Portugal e os portugueses são um destino turístico especialmente aprazível e amistoso. Julgo que teríamos a obrigação, que até seria vantajosa, de alargar
5 o nosso conceito de turismo para áreas que transcendem a boa culinária, o bom vinho, o bom sol, algum fado e o bom feito dos lusíadas. Há todo um setor – o turismo cultural – que conviria ser profundamente trabalhado, cavalcando esta onda de simpatia de que Portugal, de momento, desfruta.

O valor do turismo cultural – com circuitos turísticos organizados tematicamente e envolvendo,
10 por exemplo, a Lisboa de Fernando Pessoa ou de Eça de Queirós ou a Trás-os-Montes de Miguel Torga ou de Teixeira de Pascoaes, entre muitos outros que não custa muito congeminar – é incontestável. Este turismo cultural visa uma fatia especial de turistas: é um turismo que fixa mais profundamente o turista à nossa terra e à nossa cultura e o torna, eventualmente, um frequentador mais assíduo e persistente do nosso país. A este turista, seria propiciada
15 sempre a aquisição, na sua língua, de obras literárias ou de outra natureza, para as quais se sentiria seduzido pelo próprio interesse que encontra nos sítios, nos monumentos, nas pessoas. E nem seria muito de admirar que esta espécie de conquistado novo amigo da nossa terra e da nossa cultura acabasse por desejar aprender a nossa língua, não só para melhor comunicação, mas também para um contacto mais direto – sem o intermediário da tradução –
20 e mais eficaz com a nossa literatura e cultura.

Há hoje, em Portugal, alguns bons especialistas em turismo cultural e não seria difícil aos nossos serviços de turismo, com o apoio de tais especialistas, organizar bons e apelativos circuitos culturais que vendessem aos turistas interessados. Seria um bom e duradouro investimento e a captação de amigos permanentes de Portugal.

[...] Falámos atrás na propiciação de traduções de obras de bons autores portugueses, destinadas aos utentes dos circuitos culturais centrados na figura dos autores traduzidos. É uma primeira aproximação à nossa literatura, esta que se faz por intermédio de traduções. Mas não chega a ser muito satisfatória. Nenhuma obra traduzida – sobretudo se for de um grande escritor – dá nunca medida justa do talento ou do génio desse escritor. Fernando
30 Pessoa traduzido não é Fernando Pessoa: é apenas uma pálida alusão ao grande poeta. Eça de Queirós traduzido perde grande parte do fulgor, da picante maldade, da mordedura do estilo, que se patenteiam nos seus romances admiráveis.

[...] Enquanto não trouxermos o estrangeiro até à nossa língua, teremos ficado apenas a meio do caminho. Vender a nossa literatura em tradução é apenas a primeira metade da tarefa
35 que nos incumbe. Os nossos grandes escritores são para serem lidos em toda a força da sua própria língua. Dá-los traduzidos é propiciar apenas uma sombra do que são. O picante de Eça, as sinestésias e metáforas de Sá-Carneiro, a malícia peculiaríssima de O'Neill não são ofertáveis em pálidas versões que pouco mais serão do que contrafações.

No dia em que pudermos oferecer percursos culturais fortes, apoiados em obras aliciantes
40 que o turista estrangeiro possa manusear na sua frescura original, estaremos a percorrer um bom e seguro caminho. Não se fará em dias, em meses, em poucos anos. Será uma longa conquista. Mas é o caminho.

Eugénio Lisboa, «Promover a literatura portuguesa»,
Jornal de Letras Artes e Ideias, de 11 a 24 de abril de 2018, p. 33.

1. O turismo cultural, tal como o autor o idealiza no texto, teria a vantagem de
 - (A) controlar a excessiva criação de circuitos organizados tematicamente.
 - (B) se destinar a um grupo de turistas particularmente diversificado.
 - (C) reduzir a quantidade de traduções de obras de autores consagrados.
 - (D) propiciar o enraizamento dos turistas através do conhecimento da língua.

2. Segundo o autor, a leitura de obras de escritores portugueses na língua original
 - (A) permite a compreensão das subtilezas linguísticas e de peculiaridades do estilo dos autores.
 - (B) estimula o interesse pela cultura, pela história, pelos lugares e pelas gentes do nosso país.
 - (C) facilita uma ampla divulgação da produção literária de grandes vultos da literatura nacional.
 - (D) constitui uma primeira aproximação à literatura nacional por parte dos turistas estrangeiros.

3. O recurso, em simultâneo, às expressões «pálidas versões» e «contrafações» (linha 38) para caracterizar as traduções enfatiza a ideia de
 - (A) imitação.
 - (B) empobrecimento.
 - (C) falsificação.
 - (D) plágio.

4. No contexto em que ocorre, o uso da forma verbal «seria» (linha 21) contribui para exprimir uma
 - (A) condição.
 - (B) suposição.
 - (C) convicção.
 - (D) dúvida.

5. Em «esta onda de simpatia de que Portugal, de momento, desfruta» (linhas 7 e 8) e em «Nenhuma obra traduzida [...] dá nunca medida justa do talento ou do génio desse escritor.» (linhas 28 e 29) está presente um valor aspetual
 - (A) genérico, no primeiro caso, e imperfetivo, no segundo caso.
 - (B) imperfetivo, no primeiro caso, e genérico, no segundo caso.
 - (C) perfetivo, no primeiro caso, e genérico, no segundo caso.
 - (D) genérico, no primeiro caso, e perfetivo, no segundo caso.

6. Identifique as funções sintáticas desempenhadas pelas expressões:
 - a) «um frequentador mais assíduo e persistente do nosso país» (linha 14);
 - b) «de amigos permanentes de Portugal» (linha 24).

7. Classifique a oração introduzida por «que», na linha 35.

GRUPO III

Para algumas pessoas, o desenvolvimento do turismo tem um impacto negativo na preservação das tradições nacionais. Será que esse impacto negativo é inevitável?

Num texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defenda uma perspetiva pessoal sobre a questão apresentada.

No seu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utilize um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2019/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

Grupo	Item							
	Cotação (em pontos)							
I	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	
	16	16	16	16	16	8	16	104
II	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	
	8	8	8	8	8	8	8	56
III	Item único							40
TOTAL								200